

## “O percurso do amor romântico e do casamento através das eras”

Thiago de Almeida

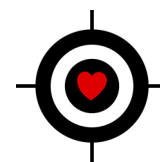
*“... Buscar o amor é bom, melhor é achá-lo” (Shakespeare, na obra 'Noite de reis')*

**Resumo:** Em muitas pesquisas realizadas, a maioria dos seus participantes revela que a intimidade com outros seres humanos é, isoladamente, o aspecto mais gratificante da vida. E qual é o prognóstico do mecanismo de casamento que a despeito dos seus inúmeros modelos, percursos e de, por vezes, estar desacreditado, freqüentemente esteve relacionado ao amor, ao menos para a sociedade ocidental? Será que o amor e os estados a ele relacionados, como a paixão, por exemplo, sempre foram tão valorizados como o são atualmente? Assim, este ensaio tem por objetivo traçar um panorama de como o amor e o casamento foram retratados ao longo do tempo até os dias atuais.

Morton M. Hunt, em seu livro “The Natural History of Love” retratou o século passado como a “Idade do Amor”. Este autor se justificou ao dizer que nunca, em nenhuma outra fase da História da Civilização, houve uma proporção tão vasta da humanidade que tenha dedicado tão elevada consideração ao amor nas suas mais diversas formas para expressá-lo como naquela fase. Contudo, ao que parece esta é uma tendência que tende a permanecer. Na verdade, a vivência e a busca pelo amor tendem a perdurar indeterminadamente e não se restringiria a uma fase, ou ainda, a um século. Na nossa sociedade, e especialmente a ocidental, de formação privilegiadamente intelectual, tem-se dado pouca importância às manifestações exteriores de amor e afeto. É tempo de percebermos que elas são importantes. E vemos isso diariamente se repetindo nos nossos relacionamentos amorosos, nas nossas amizades, nos nossos relacionamentos de trabalho e em todos os setores aonde se vai desenrolando a nossa vida.

Contudo, paulatinamente, o amor está se tornando cada vez mais uma condição indispensável para uma vida satisfatória e plenamente realizada, ao menos na concepção dos que o buscam. Embora expresso de maneiras diferenciadas, o amor é sumamente importante para o desenvolvimento da personalidade e crescimento da humanidade. E se por um lado a temática dos relacionamentos amorosos é uma das áreas mais importantes da vida das pessoas, por outro lado, infelizmente, tal importância é mais bem percebida quando as pessoas se deparam com problemas como a carência amorosa, o ciúme e a infidelidade, dentre outros. Quando isso acontece, tanto o nosso humor, quanto a nossa capacidade de concentração, a nossa energia, nossa auto-estima, o nosso trabalho e a nossa saúde, dentre outras dimensões das nossas vidas, podem ser profundamente afetados.

Nos levantamentos realizados, a maioria das pessoas reporta que a intimidade (e aqui podemos



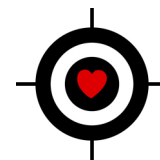
identificar o amor e a paixão como um de seus grandes expoentes), com outros seres humanos é, isoladamente, o aspecto mais gratificante da vida (Davidoff, 1983; Bytronski, 1995). Embora expresso de maneiras diferenciadas, o amor é sumamente importante para o desenvolvimento da personalidade e crescimento da humanidade. Contudo, será que todos aqueles que se entregam aos deleites dos afetos românticos sabem discernir corretamente a realidade que vivenciam, de maneira a poderem dizer se amam ou se simplesmente estão apaixonados? Especialistas cujo enfoque é o amor e os seus desdobramentos acreditam que há bastante confusão entre esses dois domínios, e que pronunciados em situação errada, podem causar significativos prejuízos, na vida dos que falam e na vida dos que ouvem tais dizeres, como um sentimento mal interpretado.

O amor é um sistema complexo e dinâmico que envolve cognições, emoções e comportamentos relacionados muitas vezes à felicidade para o ser humano; diferiria da paixão por sua maior permanência e menor efusividade que a paixão, embora não se omitam os estados de alegria e de tristeza relacionados a sua presença ou mesmo a sua ausência para o ser humano. Dificilmente, a paixão resiste a mais de dois anos. Pode-se dizer, assim, que geralmente estar com o(a) mesmo(a) parceiro(a) por mais de dois anos seja um forte indício do amor presente cimentando a relação e que assim, o amor comporta adversidades enquanto, por sua vez, a paixão não.

Ao que se sabe, o desenvolvimento emocional se dá imediatamente após o nascimento e percorre um longo caminho através das etapas determinadas pela idade e cultura, que caracterizam a evolução do ser humano (Bowlby, 1989). Contudo, embora não se possa dizer que o amor, ou ainda, os estados de apaixonamento, entre duas pessoas não seja um fenômeno local, ou ainda, contemporâneo, as idéias que advogam uma importância do amor para o cotidiano, sobretudo, notadamente para a sua fisiologia e para o seu funcionamento psíquico, são bem recentes.

Há, pois, que se ter em mente que o amor, a princípio, é uma crença emocional. Como toda e qualquer crença, "pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida. Nenhum dos seus constituintes afetivos é fixo por natureza" (Costa, 1998, p. 12). Ao longo dos séculos, muitos pensadores manifestaram suas idéias a respeito do amor, quer ressaltando seu valor positivo e exclusivamente humano, quer identificando nele a expressão inefável da transcendência, ou ainda, tratando-o como meta inalcançável, e considerando-o como algo alienador e, portanto, execrável.

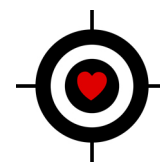
Segundo Priore (2006) o amor é um milagre de encantamento, uma espécie de presente que atravessa os séculos. E talvez, grande parte dos seres humanos não viva a plenitude do amor, muitas vezes, por ter errôneos, ou ainda, idealizados conceitos e imagens distorcidas do que seja ele. Dessa forma, recorrem a estereotipagens amorosas, resultando em arremedos afetivos que empobrecem sua concepção de amor e que tanto desgastam as pessoas. Assim, pode-se depreender que como conseqüência disso, no mundo há muito amor, mas também há muita solidão.



Até algum tempo atrás, a ciência da psicologia nunca pareceu muito interessada nesse assunto, talvez por entender o amor como algo abstrato e que desafiava qualquer proposta de mensuração. As publicações nessa área eram poucas, muitas vezes relacionadas com o amor entre mãe, filhos, etc. Por muito tempo, buscou-se uma definição que fosse aceita por cientistas e pessoas do senso comum a respeito do que seria o conceito de amor. Em uma de suas prováveis origens, o termo 'amor' deriva etimologicamente de termos greco-romanos, onde 'a' significa sem; já 'mors' é sinônimo de morte. Portanto, o amor, nesta concepção etimológica, corresponderia a algo que transcenderia a morte. Contudo, ainda não há uma descrição, clinicamente exata ou poeticamente elegante, capaz de captar algo que seja sua essência dada à magnitude do fenômeno amoroso, ele não se deixa esquadrihar por quaisquer que sejam as representações que parecem querer compreendê-lo em sua totalidade. Dessa forma, ainda que hercúleos sejam os esforços de pessoas como Drummond, Quintana, Neruda, Pessoa, dentre outros poetas que celebram o amor por meio de sua lírica deve-se admitir que escrever ou falar de amor é uma façanha cada vez mais árdua, em razão de algumas dificuldades metodológicas e impropriedades conceituais intrinsecamente relacionadas a esta tarefa como nos aponta Almeida (2007).

Segundo Buss (2000): "Geralmente pensamos a paixão como restrita ao sexo ou amor, o amplexo ardente ou o desejo constante" (p. 13). Entretanto, a paixão, ou ainda, o amor-paixão, tal qual freqüentemente ele é confundido, origina-se etimologicamente 'pathos', substantivo a partir do verbo grego 'páskhein', corresponde ao que atualmente concebemos enquanto sofrer, suportar. Neste sentido, a paixão equivale contrariamente ao 'agir'. Então, a paixão pode ser concebida como algo que a alma sofre, a dimensão em que a mente é passiva. Isso quer dizer que no amor-paixão somos tomados, possuídos, conquistados por um sentimento sobre o qual não temos nenhum controle. E nesse sentido, a paixão se oporá inevitavelmente à ação. Daí que a paixão pode se tornar devastadora e mesmo destrutiva. De modo geral, tendemos a acreditar que a paixão é bela, que os filmes e a literatura nutrem-se dela, que é ótimo tê-la na vida, mas que é bastante perigosa, em primeiro lugar, porque dificilmente evolui depois em algo firme, sereno, sólido, generoso (que seria o amor), em segundo lugar, porque ela pode surgir na vida de alguém que ama outra pessoa, e acabar com esse amor - que seria, esse sim, generoso, sereno. Por outro lado, porém, ela é um ideal muito forte em nossa sociedade, até porque tem forte carga sexual, e dificilmente alguém valoriza hoje um amor sem nenhum ou com pouco sexo. Enfim, se as respostas são assim quase contraditórias, é porque o assunto é extremamente controverso.

E, embora atualmente parem muitas dúvidas a respeito do que seja o amor, nunca dele se falou tanto. Confundido ou não com a paixão, tido como algo que se deveria aprender, cada qual aspira ao amor, a tal ponto que ele se tornou praticamente uma performance no cotidiano das pessoas (Almeida e Mayor, 2006). Diariamente, nos mais diferentes ambientes, são realizadas perguntas a seu respeito. Tais questionamentos intrigam não somente os indivíduos que as formulam, mas também a muitos psicólogos,



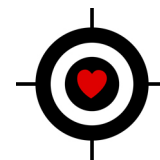
mesmo aqueles profissionais cujo enfoque não é aparentemente a questão dos relacionamentos interpessoais. Todavia, o conceito de amor e mesmo o de paixão para as pessoas e seus estados são eminentemente subjetivos. Entretanto, sentimos os seus efeitos na vida cotidiana e, geralmente, ninguém ignora as penalidades e vicissitudes pelas quais passamos, quando os experimentamos. Portanto, pensar a respeito do amor e da paixão nos coloca frente a esses fenômenos que conhecemos desde a mais tenra idade, crescemos e o experimentamos diariamente, através das fortes emoções que o acompanham, mas não refletimos sobre as concepções que ele pode assumir.

Entra-se em contato com o perfil amoroso de cada época por meio do que se é produzido em cada período: suas músicas, artes plásticas, literaturas, teatros dentre outras fontes orais e escritas (Murstein, 1988). Esses construtos refletem as visões do amor de cada época retratando suas peculiaridades. É claro que nem toda realidade é suscetível a se transmutar em obras como poemas, epopéias, ou ainda, pinturas. Contudo, mesmo os legados culturais transmitem suas ideologias particulares que acabam consolidando, muitas vezes, os ideais de uma época (Grimal, 1991). Talvez, o amor não deixe fósseis, restos e marcas, por ser um sentimento; mas, enquanto um comportamento e modificando o mundo a sua volta, vejamos seu percurso ao longo da história da civilização. Este ensaio tem por objetivo traçar um panorama de como o amor, a paixão e o casamento foram retratados ao longo do tempo até os dias atuais. Percorramos agora a história desse conjunto de sentimentos, pensamentos e comportamentos que estão tão intimamente relacionados aos aspectos mais gratificantes da vida da maior parte dos seres humanos.

### **Pré-História** (aproximadamente 1.600.000 a.C.).

Ainda que o amor seja uma pauta atemporal, as raízes do que se concebe do amor remontam aos povos das cavernas, que o retratavam em pinturas rupestres. Pesquisas indicam que o amor é um conceito universal, isto é, ele está presente em todas as culturas que se conhece (Vincent, 2005). Wright (2006) contribui para a compreensão dessa idéia, ao afirmar que o amor é o recurso evolutivo mais refinado que já foi criado pelo o homem. O dirigir amor a alguém tem a finalidade de garantir a sobrevivência e preservação da espécie, na intenção de estabelecer a perpetuação dos seus genes. A partir deste contexto podemos explorar questões como o estabelecimento de uma relação a partir de uma espécie de inconsciente cálculo matemático de "custo-benefício", visto que toda relação implica em ganhos e perdas.

Abstraindo nossas aspirações mais românticas, o amor seria uma espécie de contrato biológico entre um homem e uma mulher. Para a etologia, ciência que estuda as origens dos comportamentos dos seres humanos e animais, esse contrato determinaria que, em troca de recursos trazidos por um homem para garantir a alimentação, o abrigo e a proteção da mulher e dos filhos dele, esta, em contrapartida, disponibilizaria o seu útero, com exclusividade, para o mesmo. Dessa forma, se por um lado, ao longo do tempo como diretriz norteadora, o homem deveria procurar disseminar o seu precioso material genético com

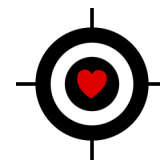


o maior número de mulheres possíveis, por outro lado, as mulheres deveriam escolher o melhor provedor possível para que as fecundasse e permitisse uma boa descendência. Este provedor deveria ter alguns atributos físicos e psicológicos que garantissem a sobrevivência não somente da prole constituída, mas também de si mesma.

Convém aqui fazer uma distinção primordial com respeito à gênese da paixão no organismo. As áreas do cérebro que funcionam nas pessoas apaixonadas, são áreas tão primitivas que até mesmo os répteis as possuem, o que nos leva a talvez pensar que se apaixonar é um sentimento humano aparentemente irracional. As sensações intensas causadas pela paixão alojam-se no centro cerebral, especificamente em uma área chamada núcleo caudal e na área tegmentar ventral. Essas áreas são exatamente as mesmas que são responsáveis pelo prazer quando se sacia a sede, ou ainda, a fome, e é a mesma área que é estimulada pelo uso de drogas e que gera o prazer.

Por meio da perspectiva filogenética há estudos que apontam que os seres humanos são biologicamente programados para se sentir apaixonados entre 18 a 30 meses (Vincent, 2005). Em um levantamento que contou com a ajuda de cinco mil pessoas de 37 culturas diferentes, foi descoberto que a paixão possui um prazo de validade, tempo longo o suficiente para que o casal se conheça, copule e reproduza. Depois disso, este sentimento evolui para emoções mais brandas, ou ainda, cada componente da díade tem a opção de migrar para outro relacionamento recomeçando todo o ciclo (Buss et al, 2007). Dessa forma, compete ao casal continuar ou não no relacionamento, promovendo-o a um novo estágio, como novos investimentos e novos graus de compromissos. Em caso de permanecerem unidos e continuarem investindo seus recursos um para o outro, se habituarão a manifestações mais brandas de afetividade como o companheirismo e a tolerância. É isso o que concebemos como amor, ao menos, do ponto de vista fisiológico.

Entretanto, apesar de todas as pesquisas e descobertas, ainda paira uma sensação de que a evolução, por algum motivo, deu-se no sentido de que surgisse o amor não-associado à procriação (Fisher, 2006). Calcula-se que isso deva ter acontecido há aproximadamente 10.000 anos e que tenhamos herdado este legado amoroso. Dessa forma, os homens passaram realmente a amar as mulheres, não como meras reprodutoras, e algumas destas passaram a olhar os homens como algo mais além de provedores para o sustento de si mesmas e de suas proles. Assim, ao menos sob uma perspectiva etológica, as paixões e, conseqüentemente, alguns casos amorosos que derivavam delas podem ser considerados funcionais do ponto de vista evolutivo. Segundo Buss (2000) "Cada ser humano vivo é uma história de sucesso evolucionário" (p. 13). Assim, se além de outros fatores, alguns de nossos antepassados tivessem fracassado em escolher, cortejar e manter um parceiro, a cadeia evolutiva, anteriormente inviolada de descendentes, poderia ter sido irreparavelmente rompida, e não estaríamos vivos para contar, ou mesmo, estudar a história dos que nos precederam. Portanto, cada um de nós deve a sua própria existência a



milhares de gerações de ancestrais bem-sucedidos em que a natureza operou sutilmente os cálculos de custo-benefício para a preservação dos bem adaptados.

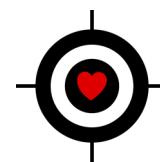
### **Idade Antiga (...? -- 395 a. C.).**

Segundo Vicent (2005) o amor é uma característica da espécie humana. Ainda segundo a mesma autora, talvez os animais sejam até capazes de amar, mas provavelmente não tenham os instrumentais adequados para comunicá-lo. Dessa forma, observa-se que das primeiras civilizações letradas, como no Egito, na China, na Grécia e em Roma, até em sociedades pré-letradas (Westermarck, 1934), como em sociedades indígenas americanas, australianas, da Índia, da Indonésia e das ilhas do Oceano Pacífico, há diversos relatos e registros explícitos que apontam que se conhecem, tão bem como nas sociedades pré-letradas, manifestações culturais que expressavam as vicissitudes do amor e da paixão.

Usualmente, o amor manifesto entre um homem e uma mulher era expresso por meio de rituais sociais, sobretudo, o casamento. Não é conhecido um agrupamento humano no qual não vigorem os laços duradouros do casamento, ainda que com um delineamento diferente do qual o concebemos contemporaneamente. Grupos promíscuos diminutos surgem ocasionalmente, como proposta alternativa para o convencional matrimônio, mesmo porque a família tal qual atualmente concebemos remonta ao séc. XVIII. O que se evidencia, então, é que em nenhum dos grupos a promiscuidade é assumida como norma. Do Egito, há aproximadamente 1500 anos a.C., temos retratado em papiros os remotos cânticos amorosos (Montet, 1989). Ainda no Egito, no ano 1000 a.C., o amor já era retratado como um esmagamento do eu e, portanto, semelhante a uma espécie de doença que deveria ser erradicada (Malinowski, 1970; 1955).

Mudando de cenário histórico-social, segundo Joppert (1979) e Watson (1969), na China, na época da Primeira Dinastia Shang (séculos XVIII-XII a.C., ou seja, pré-Confúcio), os primeiros poemas de amor foram compostos. Na Grécia e em Roma, com uma produção mais expoente, temos inúmeras crônicas amorosas, como a lendária devoção de Penélope e a paixão de Dido por Enéas. Todavia, ao contrário do que se observa atualmente, os homens gregos geralmente não nutriam amor por mulheres (Grimal, 1991; Hendrick & Hendrick, 1992). Independentemente disso, o amor era uma temática muito importante para sua filosofia (Philippe, 1999). Eles ideavam o amor como uma força unitiva e harmonizadora e a compreenderam sobre o fundamento do amor sexual, da concórdia política e da Amizade (Abbagnano, 1970).

Hesíodo, com sua Teogonia, e Parmênides de Eléia (século V a.C.) foram os pioneiros ao sugerir que o amor é a força que impulsiona as coisas, que as conduz e as mantém juntas. Segundo os pitagóricos, a reflexão filosófica pressupõe o amor e lhe confere sua última significação (Philippe, 1999). Empédocles (século V a.C.) reconheceu o amor como a força que conserva unidos os quatro elementos e a discórdia a força que os separava. E, sob este prisma dual, afirma também que todo o universo era regido pelo amor e



pelo ódio. “Em certos momentos, o universo se unifica e se ordena: é então o amor que o governa” (Philippe, p. 17, 1999). E será Platão (427-347 a.C.), que contribuirá para a historiografia do amor com o primeiro tratado filosófico amoroso intitulado “O Banquete”; nesta obra, assume-se e se conserva os caracteres do Amor-Eros e, concomitantemente, tais caracteres são generalizados e sublimados.

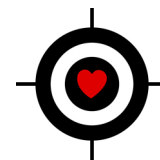
Outras contribuições para a filosofia não menos importantes para amor grego foram as de Aristóteles (384-322 a.C.), que direciona o seu olhar sobre o amor, mas não do ponto de vista erótico, mas como *philia*, o amor de Amizade. Epicuro (341-270 a.C.), encarregar-se-á de desenvolver uma moral do prazer, que segundo ele é uma propriedade do amor. Em momento algum de sua obra, o filósofo prioriza o prazer imediato, sensível e sensual. O prazer epicurista é aquele que emerge da contemplação do ser amado. Diante da moral epicurista, situam-se os estóicos e sua moral. Para estes, já não é o prazer o constituinte da felicidade do homem, mas a ‘apatheia’ corresponde à indiferença que o homem é capaz de adquirir graças ao domínio voluntário sobre si mesmo (Philippe, 1999). Logo, para um estóico, a paixão é completamente contrária à razão: esta é ativa, aquela passiva, de maneira que, a partir do momento em que um homem é dominado por uma paixão, ele perde a razão, e deixa o flanco aberto para todas as demais paixões. E será Plotino (203-269 a.C.), com o legado das filosofias platônica, aristotélica, e estóica, aquele que analisará o amor como silêncio último que une o absoluto, ao bem, ao uno.

Uma vez traçado o panorama da filosofia grega do amor, pode-se analisar o desenvolvimento da filosofia do amor segundo os primeiros padres da Igreja. Dessa forma, observa-se que para as pessoas que compartilhavam de similares referenciais na Idade Antiga, o amor e a paixão consagrados ou não através dos casamentos, nos diversos lugares, ora são vistos com uma maior aceitação por serem considerados algo que é benéfico até para a ascese humana e ora ameaçador para a sobrevivência do próprio clã, tribo, polis, ou mesmo em um nível mais pessoal para o próprio ser humano.

### **Idade Média** (395 d. C. – 1453 d. C.).

Ao findar da filosofia grega, o neoplatonismo lançou mão da noção de amor, não para definir a natureza de Deus, mas para indicar uma das fases da vida que remetem a Deus (Abbagnano, 1970).

Com o advento do Cristianismo, a noção de amor é acentuadamente influenciada sob duas égides. Por um lado, é entendido como uma relação, ou um tipo de relações que se devem estender a todas as pessoas entendidas como “próximos”. Por outro lado, foi eleito como um mandamento, que não tinha conexões com as situações cotidianas e terrenas, e que se propõe a transformar estas situações e criar uma comunidade que ainda não existe, mas que deverá tornar irmãos todos os homens: o reino de Deus. Assim, o Amor-Agaphe é evidenciado e apontado como uma realidade absoluta e primordial. Outras visões foram negadas e até reprimidas. Brown (1990) aponta que isso aconteceu, pois a elite romana era sensível aos apelos de moderação e contenção sexuais, e a opinião popular estava cheia de histórias de castigos que



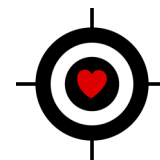
afligem o mundo por culpa dos maus indivíduos. Será em nome do Deus cristão que Santo Agostinho reforçará e incentivará crenças da mentalidade pagã.

Embora na filosofia grega Deus fosse concebido como a bondade, o “bem em si” (Platão), o “primeiro amável” (como para Aristóteles), não se fazia a equivalência de que ele era o amor, tal como se concebe até hoje. E há que se levar em consideração que dizer que Deus é bondade e que Deus é amor é uma passagem muito grande. Assim, a contribuição da teologia cristã desenvolverá a concepção grega e fará uma reflexão pautada no mistério do amor agápico.

Alguns expoentes, como Santo Agostinho (354-430 d.C.), São Boaventura (1218-1274 d.C.) e São Tomás de Aquino (1225-1274 d.C.), merecem capital consideração pela influência que se estende até hoje. Por exemplo, para Agostinho o correto é “amar e fazer o que se quer”, muito embora, segundo Costa (1999), confeccione a tese de que o amor verdadeiro é de Deus e para Deus. Entretanto, para São Boaventura “a medida do amor é o amor mesmo”. São Tomás, também vai se remeter à filosofia platônica, e resgatar o prazer erótico decorrente da paixão, e desenvolver uma teologia sobre as paixões. Na verdade, São Tomás busca, por meio do estudo da problemática das paixões, estudar a pessoa de Cristo da maneira mais adequada possível, e assim, vai estudá-las profundamente (Philippe, 1999). E ao criar uma tipologia de 11 diferentes tipos de paixões, São Tomás advogou que as paixões, em si, não eram boas nem más, porém, uma fonte de riquezas para a vida humana. Dessa forma, São Tomás fundamentou-se a partir da filosofia peripatética, que, diferentemente dos estóicos, não considerou as paixões como contrárias à razão: para eles, se as paixões forem mediadas pela razão, o homem viverá em harmonia. O que deve ser encarado como mau é o excesso nas paixões, pois, em si, são como uma espécie de apetite natural sensível. Infelizmente, sob a influência de certo estoicismo, a educação maltrata, diligentemente, as paixões em lugar de enobrecê-las. Este santo exerceu preponderante influência, pois foi o primeiro a elaborar um grande tratado sobre as paixões para a filosofia ocidental. E encara o amor como um apetite vital, implicando o conhecimento .

Desta forma, consoante a Costa (1999), o amor-agápico dominará a mentalidade amorosa da alta Idade Média e toda a mentalidade ocidental até a revolução cultural ocorrida entre 1500-1700. Baseadas nestas e em outras concepções correlatas, “a Idade Média certamente conhece o peso do pecado e com frequência vive entre o temor e tremor” (Gandillac, 1990, p.198).

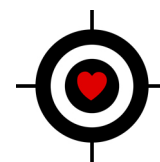
E qual era o panorama do casamento nessa época? Na Idade Média, o casamento, tinha uma diretriz diferente da qual se tem hoje por referência. Algo que desse uma vazão aos sentimentos, como amor, era considerado impróprio para o casamento (Batten, 1995). Nesta época, não havia o incentivo, mas sim a repressão dos sentimentos considerados como voluptuosos e corruptores da alma; portanto, a relação matrimonial não deveria ser o lugar para o amor carnal ou a paixão . Na realidade, o casamento era uma instituição que visava à estabilidade de uma sociedade, e desempenhava apenas a função da reprodução,



união e manutenção de riquezas, assim, o que favorecia uma continuidade à estrutura. A partir do momento em que o amor aparece no casamento, esses sustentáculos, como a reprodução e união de riquezas foram relegados a um segundo plano, e passaram a ameaçar toda essa organização social. Afinal, quando um casamento acontece simplesmente por amor, não há mais interesse, aprioristicamente, em reprodução ou na união de riquezas. Contudo, consoante clérigos e monges desse período, apesar das diversas proibições da Igreja, a afeição, a ternura, o amor e a felicidade entre os cônjuges não eram lesados. Partiam do exemplo da Virgem Maria e José que, mesmo sem terem relações, foram felizes, apenas se amando, auxiliando-se e sendo fiéis um ao outro. O amor verdadeiro, na opinião de monges e clérigos menos extremistas dessa época, seria aquele em que o sexo estaria na posição de subordinado, e não o fundamento ou a prioridade da vida conjugal, pois, esse é o amor que se aproxima da caridade, portanto, de Deus. Assim, o amor, a afeição, eram muito mais uma consequência do casamento do que uma causa (Duby, 1989).

E quanto à gênese do amor cortês ou "l'amour courtois"? Segundo Hendrick & Hendrick (1992), o amor cortês vigorou, aproximadamente no século XII, embora tenham sido semeadas as primeiras manifestações alguns séculos antes. E, de acordo com Heer (1976), a transmissão de herança na Europa da Idade Média, deixava sem dinheiro, poder e propriedades todos os filhos mais jovens dos senhores feudais. O legado da herança tinha como base o parentesco lateral (irmãos, irmãs) e não vertical (filhos, filhas). Assim, os 'pobres' jovens nobres somente tinham a oportunidade de ascenderem socialmente e de se enriquecerem ao se casarem com noivas ricas. É desta massa econômica desvalida que surgirão os cavaleiros que se servirão do amor cortês e da poesia trovadoresca rumo à sua escalada aristocrática feudal. Logo, o amor cortês é essencialmente aristocrático. É reservado às elites que freqüentam as cortes, considerado uma ocupação de ociosos, libertos de qualquer preocupação material. Nem a burguesia nem ao menos a figura da mulher popular merecem as atenções devotadas à dama, que só poderia ser uma castelã. E, nesse sentido, tal feudalismo amoroso, no plano afetivo e sexual, traduz a mentalidade de toda uma classe. (Bonnassie, 1985). Será Guilherme IX, duque de Aquitânia e conde de Poitou, nascido em 1071, o primeiro dos trovadores. Ao que parecem, suas canções de amor, em novo estilo, difundiram-se por toda a Provença, onde mantinha a sua corte, e posteriormente acabaram conquistando toda a Europa.

Existem muitas representações ficcionais e poéticas que discorrem a respeito do amor na corte, mas, felizmente para os historiadores, um homem, que viveu no Castelo de Leonor, em Poitiers, observou tais acontecimentos em funcionamento, e posteriormente relatou à maneira de reportagem tudo o que vira, retratando assim, com fidedignidade, o amor cortesão. Era um clérigo chamado André, que mais tarde tornou-se capelão na corte da condessa Maria, em Tryes; e auto-intutilou-se Andreas Capellanus, ou seja, André, o capelão. Dentre outras coisas, codificou trinta e uma normas básicas do amor cortês, que foram o fundamento da 'lei' de acordo com a qual os casos eram submetidos a juízo nos tribunais, e nas quais todas

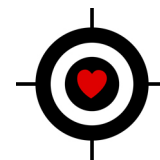


as outras regras, formas e maneiras deviam ser baseadas. Algumas destas espelham o conflito do adultério com o sistema de casamento.

De qualquer modo, o amor cortês, funcionalmente, foi um meio de educar os cavaleiros, civilizá-los, ou seja, apenas uma estratégia (Costa, 1999; Heer, 1976). E tais jovens estavam dispostos a rebelar-se contra a ordem social dos mais velhos, e mesmo contra seus principais aliados como o clero e o papado romano. Neste jogo, a mulher servia simplesmente de engodo. E os senhores feudais começaram a perceber os benefícios imediatos de tal situação. Os senhores feudais utilizam-se de suas mulheres para conduzir o jogo, oferecendo-as como o prêmio ao vencedor. Predicativos como a fidelidade ao senhor são exaltados nessas histórias. Como um senhor muitas vezes tinha muitas mulheres, era extremamente favorecido devido ao grande número de cavaleiros que ficavam às suas ordens. Assim, as histórias de "amor cortês" tinham como objetivo principal estabelecer uma conduta moral aos cavaleiros, sobremaneira, perante o senhor feudal.

Outra visão pode complementar a idéia de Heer, é a de que, segundo Batten (1995), a tradição de amor cortês surgiu na época em que algumas mulheres da aristocracia começavam a granjear poder econômico. A ausência dos maridos que empreendiam lutas nas Cruzadas rendeu às mulheres, sobretudo às francesas, o ensejo de administrarem as terras; de forma semelhante, a ausência dos homens, na segunda Guerra Mundial, permitiu as mulheres americanas a chance de ingressarem na sociedade como força de trabalho.

Por volta do século X, as mulheres eram responsáveis por alguns feudos na região do sul da França conhecida como Provença. Com as mulheres administrando a propriedade de terras, os valores militaristas da sociedade feudal estavam abertos ao desafio. Então, diante deste considerável crescimento econômico, a partir do século XI, concomitantemente foi provocada uma patente e sensível melhoria de vida para as mulheres (Bonnassie, 1985). Daí, os jovens nobres franceses reconheceram nesta situação uma forma de conseguirem trabalho como cavaleiros a serviço de um senhor abastado e conquistar a simpatia das mulheres destes senhores feudais. Sua estratégia foi ardilosa, e assim foi criada a poesia trovadoresca, que pode ser considerada a versão medieval de romance contemporâneo (Batten, 1995). Assim, os trovadores tornaram-se cavaleiros do amor, empenhando sua lealdade, obediência e serviços à esposa de seu senhor. Ainda segundo Batten (1995), e concordantes a Heer (1976), este "feudalismo do amor" continha as sementes da mudança social, pois, por meio da poesia trovadoresca e do amor cortês, a dama era elevada ao mesmo status dos homens, embora esta não fosse a mensagem implícita mais subversiva. Cantavam os trovadores que o amor equiparava as pessoas, fossem estas ricas ou pobres, e assim contestavam a ordem social vigente e a rígida estrutura feudal estratificada. Como é de se esperar, para a sociedade feudal, a idéia de que o amor poderia superar barreiras entre classes sociais e riquezas era subversiva; contudo, o argumento era bem funcional aos que dele se serviam, trovadores e 'senhoras feudais'. Ou seja, era



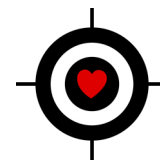
conveniente aos seus interesses propagar a imagem do amor como uma forma democratizante. Nas palavras de Heer: "O amor cortês era uma maneira aceitável de rebeldia contra os costumes sociais dominantes e era conscientemente adotado para servir a este fim" (Heer, 1976, p. 172).

Paulatinamente, o amor começou a ser uma condição boa para o casamento. O século XII é marcado por uma grande mudança em vários aspectos da Idade Média. O casamento e o amor não são exceções. Podem-se observar nessa época mudanças nas concepções sobre o amor no casamento com o monge Bernardo de Clairvaux: "o amor não requer nenhum outro motivo, além de si mesmo, e não busca frutos. Seu fruto é o gozo de si próprio" (Casey, 1992, p. 95). Nesse mesmo período surgem as histórias do denominado amor cortês, que propagaram o amor carnal, material, e também puderam reforçar a imagem do amor proibido, e que, portanto, não deveria existir no casamento, considerado sagrado. Assim, de acordo com Le Goff: "O amor cortês foi antimatrimonial" (Le Goff, 1982/1984, p. 117). A partir de então, ao menos na literatura, o amor "é algo de extraordinário poder, que termina por destruir as pessoas; não representa um modelo para a conduta social" (Casey, 1992, p. 129). Esposas infelizes, desprezadas, começam a buscar consolação fora de casa, com outros homens. O mundo foi se tornando mais liberal, mesmo que contra a vontade da Igreja. Adultérios, pecados entre cônjuges, contracepções aconteciam com maior frequência. Isso mostra uma emancipação dos valores vigentes por meio da exaltação dos sentimentos do indivíduo que para satisfazer-se corre atrás dos seus objetivos, mesmo indo contra a Igreja ou contra o comportamento social padrão.

Outra mudança importante no século XII é a "invenção" do casal propriamente dito, onde deveria haver uma cooperação, a amizade, "uma harmoniosa associação para gerir o negócio comum" (Duby & Ariès, 1990, p. 152), isto é, para gerir a casa, o espaço privado em que os sentimentos ganhavam espaço. Desta forma, começava a nascer um sentimento entre os cônjuges. "Há uma aproximação no seio do casal" (Duby & Ariès, 1990, p. 152). E muito embora, a seleção de um marido não deixou de levar em consideração o dote, o meio social do pretendente, a profissão, a qualidade de sua casa, a sua linhagem, a opinião da futura esposa tornava-se crucial para a realização ou não do casamento.

Aproximadamente no século XV (fins da Idade Média), na literatura, surgem casais que apesar de fazerem uso carnal do casamento, seguiam as normas da vida cristã e respeitavam suas regras (Macfarlane, 1990). Esse tipo de atitude era aceitável, porém não era a ideal para a Igreja. E apesar de algumas mudanças desde o século XII, e uma maior tolerância por parte da Igreja, nos finais da Idade Média o amor carnal continuou sendo condenado, visto como algo proibido, sobretudo dentro do casamento (Coppstone, 1997) .

Isso tudo mostra como a concepção do amor proibido permanecia forte nos finais da Idade Média. Até mesmo na Idade Moderna, o amor continuou a ser encarado como uma condição não muito interessante, ao menos, sob uma égide econômica, e, assim, não chegou a ser tão importante para a



realização de um casamento, apesar do consentimento ganhar cada vez mais espaço até se tornar o principal passo para a união de um casal ao final da mesma.

### **Renascimento e Idade Moderna (1453 – 1789).**

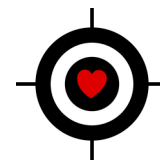
No decurso de tais acontecimentos, sobretudo graças às grandes navegações que ampliam as riquezas e os referenciais culturais, a nobreza tem um enriquecimento e, assim, torna-se mais liberal perante os filhos. O medo de dissipar as fortunas devido ao grande número de filhos vai desaparecendo e as famílias começam a permitir o casamento dos filhos que não quisessem seguir a carreira eclesiástica.

Uma vez estabilizado o amor que a partir de então começou a ser convencionalmente conhecido por romântico como forma de conduta emocional na Europa, foram atendidos os anseios de autonomia e felicidade pessoais para a classe burguesa, legitimando-a no poder. "Sua íntima associação com a vida privada burguesa o transformou em um elemento de equilíbrio indispensável entre o desejo de felicidade individual e o compromisso com ideais coletivos" (Costa, 1999, p.19).

No centro de sua filosofia, Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), por sua vez, realça o que considera imperativo para a humanidade: voltar ao "estado de natureza", pois o progresso tornou os homens egoístas, violentos e desordenados. O amor deve encontrar de novo sua dimensão mais autêntica, aquela que a própria natureza lhe atribuiu e os seres humanos distorceram.

Em relação ao matrimônio, Priore (2006) tece um panorama: "Os casos de casamento contraídos por interesse, ou ainda, em tenra infância somados a outros em que idiosincrasias da mulher ou do marido revelam o mau estado do matrimônio, comprovam que as relações sexuais no sacramento eram breves, desprovidas de calor e refinamento" (Priore, 2006, p. 37). Sobretudo, na época do Brasil colonial, os homens desta época tratavam suas mulheres como máquinas de fazer filhos, submetidas às relações sexuais mecânicas e destituídas de manifestações de afeto e, dessa forma, tanto nos temas amorosos dos romances que circulavam nas colônias, quanto na vida real, os amantes não realizavam seus desejos (Priore, 2006). Dessa forma, vemos se aquilatar pelos tempos amantes cada vez mais insatisfeitos com a sua vida sentimental.

Entre quatro paredes a situação não era melhor: havia uma série de interdições que impediam que os cônjuges, sobretudo as mulheres, desfrutassem do prazer sexual. A nudez completa só começa a ser praticada a partir do início do século XX, antes disso, somente sexo no bordel. Usava-se a posição de missionário com o homem por cima e a mulher por baixo. Os casamentos, ainda por essa época, eram todos realizados dentro das mesmas etnias, porque a consciência étnica era muito forte. A posição da Igreja era unânime: condenava todo o amor profano, considerando-o uma antítese do amor sagrado e, nesse sentido, a Igreja renascentista e moderna estava sendo anacrônica nos tempos em que estava inserida. Contudo, esse quadro mudava aparentemente com as pessoas menos abastadas. Como não havia o aspecto



pecuniário envolvido na trama rumo ao altar, o carinho e o amor são aspectos que se destacavam nos casamentos de pobres e de pessoas libertas. Talvez por isso estas uniões não se desfizessem com facilidade.

A especulação teológica sobre o amor retorna no platonismo renascentista, e, desta vez, acentua a reciprocidade do amor entre Deus e o homem, conforme a tendência própria do Renascimento de insistir na dignidade do homem como tal (Abbagnano, 1970). A partir da “Era das Navegações”, o amor ganha contornos de romantismo derivados do período anterior e, em uma fase de transição, para incorporar alguns elementos do romantismo literário, vai se tornando cada vez mais globalizado.

Contraopondo o amor à passionalidade o filósofo holandês Baruch Spinoza (1632-1677) identifica o amor como uma forma suprema de racionalidade, possível quando o conhecimento liberta o espírito dos desejos, aproximando o homem da felicidade completa.

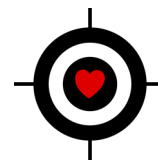
### **Idade Contemporânea** (1789 – até os dias atuais)

Ao avançarmos na linha temporal dos acontecimentos, observamos que a concepção do amor mudou muito. Fatores como o movimento literário romântico, a era vitoriana, a gênese da Psicologia como ciência, sobretudo, a Freudiana (com seus questionamentos a respeito da sexualidade), sem é claro, menosprezar as contribuições daquelas que puderam desvelar, ao menos parcialmente, os sentimentos, foram muito importantes.

Morton M. Hunt, em seu livro “The Natural History of Love”, retratou o século passado como a “Idade do Amor”. Este autor se justifica dizendo que nunca em nenhuma outra fase da história da civilização houve uma proporção tão vasta da humanidade que tenha dedicado tão elevada consideração ao amor nas suas mais diversas formas para expressá-lo como naquela (Hunt, 1959). Contudo, ao que parece, essa é uma tendência que tende a se proliferar. O amor é um dos principais requisitos para o casamento nos países ocidentais (Silva, Mayor, Almeida, Rodrigues, Oliveira & Martinez, 2005). Pouco a pouco, o amor está se tornando cada vez mais uma condição sine qua non para uma vida satisfatória e plenamente realizada, ao menos na concepção dos que o buscam.

Com tal aporte teórico, pode-se compreender a afirmação de Batten que diz que “o casamento por amor é um fenômeno relativamente recente e que também ocorre predominantemente no Ocidente” (Batten, 1995, p. 208). Assim, ainda segundo a autora, a maioria dos casamentos, em todo o mundo, foi e continua a ser arranjada pelos pais por razões exclusivamente econômicas e sociais.

Marcado pelo pessimismo, o pensador Arthur Schopenhauer (1788-1860) classifica o amor como um sentimento falso e enganoso. Segundo ele, por mais etéreo que possa parecer, o sentimento amoroso está sempre enraizado no instinto sexual e seu objetivo final é o ardente desejo de reproduzir, o que pode levar à redenção, ou seja, à entrega total do anseio pela vida. Em nome do amor, o ser humano está disposto a cometer qualquer perversidade e aceitar qualquer sofrimento.

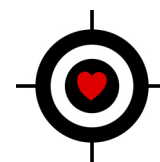


Por meio de tudo o que foi exposto, observa-se que o amor cortês começou como um divertimento, e prosseguiu como um estilo de vida que, a partir do século XI, acaba por influenciar todo o mundo ocidental. Então, o erudito Denis de Rougemont será o predecessor do amor-paixão romântico, em seu aspecto de culto ao sofrimento (Costa, 1999, p. 39). Rougemont advoga que tal prática foi má em sua gênese e pior ainda em seu desenvolvimento. Assim, Rougemont (1988) sustenta que este amor exerceu lamentável influência, por induzir o homem ocidental a crer que amar significa estar dominado pela emoção, assoberbado por ela, impotente, infeliz e trágico por sua causa. Atualmente, a busca do amor pelas sociedades ocidentais, ainda que de forma velada, domina todas as formas de mídia como pauta principal, ou mesmo, secundária. E, principalmente, a indevida associação do conceito de amor com o conceito de felicidade e da falta do mesmo com o conceito de infelicidade é um dos principais responsáveis pela angústia coletiva a que se tem contato. Apesar da dinâmica contemporânea para os relacionamentos amorosos Chaves (2003) comenta:

O estabelecimento de relações sociais mais temporárias, de comunidades abertas e mais frouxamente ligadas pode fazer com que o indivíduo se sinta mais só e desamparado, e se veja obrigado a uma constante negociação com o outro e com ele mesmo visando à continuidade ou quebra do vínculo forjado. Entretanto, a fluidez dessas relações possibilita a constituição de redes, a vivência de novas e diversas formas relacionais que pode, paradoxalmente, minimizar essa solidão e lhe dar segurança e apoio. Isto acontece, por exemplo, no estar-junto; ao mesmo tempo em que ele é marcado por uma certa superficialidade e fugacidade, também propicia o compartilhamento espontâneo de experiências vividas, sentimentos, desejos e interesses. Além disso, por se caracterizar como um ajuntamento efêmero, no qual os indivíduos não cobram, por exemplo, fidelidade, profundidade de sentimento ou investimento afetivo, o estar-junto facilita o trânsito e o vínculo com outras pessoas e grupos (p. 87-88).

Ao contrário dos outros séculos, uma novidade que veio para interagir com a questão dos relacionamentos amorosos é a participação da rede internet no cotidiano, sobretudo no que diz respeito aos relacionamentos amorosos. Mais do que um fenômeno circunscrito a teens, ou ainda, a adultos solitários, os relacionamentos românticos via internet tendem a se expandir em um futuro próximo e devem, como consequência, provocar um relaxamento das normas sociais e morais tais como as entendemos hoje. Entretanto, assim como o consumo de drogas, o cybering também poderá provocar dependência no usuário, pois, ao "requerer mais e mais doses de imaginação", ele conduz ao aumento da distância entre a realidade "verdadeira" e o ciberespaço. O resultado disso pode ser a alienação do indivíduo.

A internet modificou dramaticamente o domínio do romântico e, possivelmente, esse processo irá se acelerar no futuro. Tais alterações mudarão inevitavelmente as formas sociais atuais, como o casamento, a coabitação, as práticas românticas correntes relacionadas à sedução, sexo casual, namoros e a noção de



exclusividade romântica. Podemos esperar um relaxamento das normas sociais e morais; esse processo não deveria ser considerado uma ameaça, pois não são as modificações on-line que põem em perigo os relacionamentos românticos, mas nossa falta de habilidade para nos adaptarmos a elas.

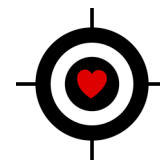
Como os relacionamentos on-line irão modificar o sentido da "traição" nas relações off-line? Por exemplo, o "ciberadulterio" e a "ciberinfidelidade" são mais fáceis de realizar e colocam o internauta em uma posição menos vulnerável, já que as chances de ser atraído por uma parceria em potencial ou mesmo sair ferido são consideravelmente reduzidas. Eles também abarcam um grau menor de traição, na medida em que envolvem mais elementos imaginativos; o grau de negligência em relação aos interesses do parceiro também pode ser menor. A prevalência de tais relacionamentos virtuais tornará as relações extraconjugais mais comuns e, por causa disso, mais aceitáveis. O relaxamento das normas morais será particularmente evidente em questões que dizem respeito à exclusividade romântica. Será difícil evitar inteiramente a vasta quantidade de alternativas atraentes disponíveis. A noção forte e muito negativa de "traição" se tornará menos comum em conexão com os affairs românticos; já outras noções, como "pular a cerca", serão mais comuns.

Enfim, observa-se que o campo amoroso é dinâmico, e suas práticas e conceitos, ou melhor, conhecimentos se interferem mutuamente, e que isso é possível discutir sobre configurações e re-configurações amorosas da pós-modernidade.

## **Conclusão**

O amor entre duas pessoas não é um fenômeno local, ou ainda, contemporâneo. Os arroubos românticos remontam ao mais longínquo dos tempos. E, pelo que vimos, há uma longa história para o que se concebe por amor na atualidade. Como uma conclusão, pode-se observar que, embora sejam grandes as diferenças entre as concepções amorosas da Grécia Antiga até a Idade Contemporânea, Costa (1999) evidencia um paralelo em comum: "o amor sempre buscava um Bem objetivo, independente do sujeito: o Supremo Bem greco-romano; o Deus cristão, A Dama do amor cortês; ou a posição social nas artes da sedução e da galanteria no Renascimento e nas sociedades de Corte" (Costa, 1999, p. 41), e assim por diante. Em suma, segundo Rougemont (1988) a teleologia amorosa vinha do objeto contemplado.

E todos estes fatores configuram e servem de background para o que se concebe atualmente sobre o amor. Não podemos inferior, contudo, se as pessoas de épocas remotas que nos precederam utilizavam concepções próximas às nossas na tentativa de descreverem o que convencionalmente identificamos como amor. Expresso de maneiras diferenciadas, o amor, sobretudo o de natureza romântica, é sumamente importante para o desenvolvimento da personalidade e crescimento da humanidade. E, certamente, a evolução do que se concebe por amor mudou e continua a mudar constantemente, e acompanha o pensamento das pessoas da época na qual ele está inserido. Ao que se sabe, o desenvolvimento emocional



se dá imediatamente após o nascimento e percorre um longo caminho através das etapas determinadas pela idade e cultura, que caracterizam a evolução do ser humano (Bowlby, 1989).

Nas palavras de Grimal, o amor “está sujeito a modas” de forma que se pode dizer que “no reinado de Luís XIII não se amava como na época de Carlos X” (Grimal, 1991, p. 1). O que se ressalta, então, são as particularidades de cada época e a história de cada pessoa que se fundem, produzindo uma configuração diferente de uma outra história amorosa. Dessa forma, o amor de cada época não deve ser julgado valorativamente, tendo-se em vista que os desdobramentos amorosos como tal não são atinentes à égide de uma única moral reducionista.

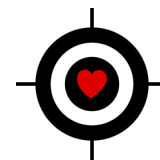
Portanto, pesquisar a respeito da temática amorosa nos coloca frente a um fenômeno que conhecemos desde a mais tenra idade, que crescemos e experimentamos diariamente, por meio das fortes emoções que o acompanham, mas que não refletimos sobre as concepções que ele pode assumir.

Discorremos, em psicologia, sobre a aprendizagem, personalidade, emoção, abordamos técnicas e métodos, mas, com exceção da literatura de auto-ajuda, pouco encontramos a respeito do amor, sistematizado em seus processos e em suas formas. Conseqüentemente, o presente trabalho teve a intenção de compreender mais adequadamente o amor e a sua universalidade, esclarecendo um pouco mais os possíveis conceitos atribuídos a tal fenômeno. Dessa forma, este ensaio tentou fomentar em seu leitor a procura constante de reformular seus conceitos e definições, a exemplo do que constantemente faz a Ciência, visando aprimorar suas idéias como teóricos ou mesmo como partícipes da humanidade.

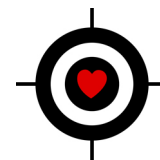
Com efeito, um tipo de amor não deve ser visto como superior, ou mais verdadeiro do que outro, prevalecendo sobre os demais (Lee, 1988), sejam estes amores orientais, contemporâneos, de natureza homossexual, ou mesmo, os amores virtuais, dentre outros. Todos esses, poucos exemplos dentre a miríade de possibilidades e categorias criadas ou que venham a ser gerados e, sobretudo, vivenciados. Em outras palavras, há formas e formas de amor e deve-se reconhecer a legitimidade de cada uma delas. Reproduzimos um questionamento de Grimal (1991): afinal quem é que pode afirmar que algum dia, qualquer sociedade, em qualquer época, tenha chegado a conhecer o amor verdadeiro?

## Referências

- Abbagnano, N. (1970). Dicionário de filosofia. São Paulo: Mestre Jou, pp. 35-47.
- Almeida, T. (2003). O perfil da escolha de objeto amoroso para o adolescente: possíveis razões. São Carlos: Departamento de Psicologia. Trabalho de conclusão de curso.
- Almeida, T. (2007). Ciúme romântico e infidelidade amorosa entre paulistanos: Incidências e relações. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-06032007-173046/>



- Almeida, T. & Mayor, A. S. (2006). O amar, o amor: uma perspectiva contemporâneo-ocidental da dinâmica do amor para os relacionamentos amorosos. In R. R. Starling & K. A. Carvalho (Orgs.), *Ciência do Comportamento: conhecer e avançar* (vol.5, pp. 99-105). Santo André: ESETec Editores Associados.
- Bonnassie, P. (1985). *Dicionário de História Medieval*. (J. G M. Fagundes, trad.). Lisboa: publicações Dom Quixote.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: aplicações clínicas para a teoria do apego*. (S. M. de Barros, trad). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brown, P. (1990). *Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Buss, D. et al (1990). International Preferences in Selecting Mates: a study of 37 cultures. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 21(1), 5-47.
- Buss, D. (2000). *A paixão perigosa: Por que o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Casey, J. (1992). *A história da família*. (S. Bath, trad). São Paulo: Ática.
- Copplestone, T. (1997). *Vida e obra de Hieronymus Bosch*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Costa, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. (5a ed.). Rio de Janeiro: Rocco.
- Davidoff, L. L. (1983). *Introdução à psicologia*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Duby, G. (1990). *Idade Média, idade dos homens do amor e outros ensaios*. (J. Batista Neto, trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Duby, G. & Ariès, P. (1990). *História da vida privada, 2: da Europa feudal à Renascença*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Gandillac, M. (1990). O amor na Idade Média. Em A. Novaes (Org.). *O Desejo*. (pp. 197 – 208). São Paulo: Companhia das Letras.
- Heer, F. (1976). *The Medieval Word: Europe 1100-1350*. Nova York: Mentor Book.
- Hendrick, S. S. & Hendrick, C. (1992). *Romantic love*. Newbury Park/ London/ New Delhi: Sage Series on Close Relationships.
- Grimal, P. (1991). *Amor em Roma*. (H. F. Feist, trad). São Paulo: Martins Fontes.
- Joppert, R. (1979). *O Alicerce cultural da China*. Rio de Janeiro: Avenir.
- Lee, J. A. (1988). Love-styles. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.). *The Psychology of love* (pp. 38-67). New Haven: Yale University Press.
- Lê Goff, J. (1984). *A civilização do Ocidente medieval* (vol. 2.). Lisboa: Ed. Estampa.
- Macfarlane, A. (1990). *História do casamento e do amor: Inglaterra - 1300/1840*. (P. Neves, trad.). São Paulo: Companhia das Letras.



- Malinowski. B. (1970). *La Vie Sexuelle des Sauvages du Nord-ouest de la Mélanésie*. Paris: Payot.
- Malinowski. B. (1955). *Sex and Repression in Savage Society*. New York: Meridian Books.
- Montet, P. (1989). *O Egito no tempo de Ramsés*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Nunes, M. J. F. R. (1998). *Sexualidade e Catolicismo – Comentários sobre a exposição de Jurandir Freire Costa*. In M. A. Loyola (Org.). *A sexualidade nas ciências humanas*. Rio de Janeiro: Ed UERJ.
- Priore, M. D. (2006). *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Philippe, M. D. (1999). *O amor: na visão teológica, filosófica e mística*. (C. M. Souza, trad). Rio de Janeiro: Vozes.
- Priore, M. D. (2006). *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Rougemont, D. (1988). *O amor e o ocidente*. (P. Brandi; E. B. Cachapuz, trads.). Rio de Janeiro: Guanabara.
- Sampaio, A. (2002). *Amor na Internet- Quando o Virtual Cai na Real*. Rio de Janeiro: Record.
- Vincent, L. (2005). *Por que nos apaixonamos - como a ciência Explica os mistérios do amor*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Westermarck, E. (1934). *Histoire du mariage – La promiscuité primitive. La valeur de la virginité*. (A. V. Gennep, trad.). Paris: Mercvire de France.
- Wright, R. (2006). *O animal moral: porque somos como somos: A nova ciência da psicologia evolucionista; a fidelidade está em nosso DNA?* Rio de Janeiro: Elsevier.
- Autoria: Thiago de Almeida Psicólogo (CRP: 06/75185). Mestre pelo Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e doutorando do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Palestrante e consultor de grandes empresas em assuntos relacionados à qualidade de vida. Autor do livro: "Ciúme e suas conseqüências para os relacionamentos amorosos" (Editora Certa).

**Artigo veiculado em:** <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1041>